

## O jogo da galinha

Esse clássico da “teoria dos jogos” não possui uma denominação muito clara em português. Em inglês é “*the game of chicken*”. Traduzido ao pé da letra, como no título acima, parece uma coisa tola, mas não é.

Em sua formulação mais simples o jogo funciona assim: dois rapazes disputam o coração de uma moça em um jogo onde cada qual dirige um carro em velocidade na direção do outro. Perde o jogo quem desviar primeiro.

O perdedor é considerado “galinha”: *Chicken*, em inglês, designa pessoa medrosa ou covarde.

É um jogo muito idiota, feito sob medida para valentões irresponsáveis.

Mas o problema é que existem muitas aplicações na vida real, na economia e na política, por isso o jogo é muito estudado pelos especialistas em estratégia.

Pense em um duopólio onde os produtores estão vendendo abaixo do custo, ambos sofrendo, para forçar o concorrente a sair do mercado. Ou na corrida armamentista. Ou em Jair Bolsonaro testando os limites da liberdade de expressão com o STF (e as “instituições”).

É a escalada da insensatez, um título mais adequado para o “jogo”.

Há aplicações do jogo da galinha na biologia evolutiva: modela-se como um jogo desse tipo, por exemplo, a disputa por alimento, entre dois ursos, os maiores e mais ferozes animais da floresta, na qual ganha quem não desistir, sendo que o conflito debilita muito seriamente os contendores.

Uma teoria, ou uma “solução” para o jogo, na esfera da evolução: as espécies que sobreviveram à recorrência desses embates são as que introduziram alguma fórmula tácita de desistir coordenadamente do conflito, sem que tenham que se machucar muito, com isso evitando a mútua extinção.

Existem inúmeros formatos para o jogo, as escolas militares estudam essas possibilidades à exaustão. Me ocorre que Jair Bolsonaro deve ter estudado esses jogos, mas não foi o caso, segundo o testemunho do general Mourão: o presidente só viveu a fase “física” da carreira militar, do zero ao tenente, mas não a fase “intelectual”, pertinente à formação dos oficiais superiores. Se colocarmos na balança – explica o general – ele ficou 15 anos na carreira militar e 30 como político.

Talvez por isso esteja levando longe demais o jogo da galinha com a democracia brasileira.

Na falta de formação técnica na ciência galinácea, é muito recomendável adquirir um “suplemento”: assistir ao documentário sobre Robert McNamara (*The Fog of War*, Oscar de melhor documentário em 2003) que, de forma didática define 11 lições (pérolas de sabedoria *a posteriori*) de sua vasta experiência nesses assuntos galináceos.

Bastam duas para nós: ponha-se no lugar do inimigo, para entendê-lo (#1) e esteja sempre preparado para reconsiderar sua estratégia (#8).

Mas, segundo ele bem explica, com armas nucleares tudo muda. O jogo deixa de ser um jogo: basta um erro que a espécie é extinta.

O quadro de resultados abaixo oferece apenas uma ilustração, típica das formulações de “teoria dos jogos” para o problema, tomando como exemplo a corrida nuclear entre americanos e russos.

		estratégia americanos	
		transige	escala
estratégias russos	transige	<b>5 5</b>	<b>0 100</b>
	escala	<b>100 0</b>	<b>-1000 -1000</b>

Cada um dos atores escolhe uma estratégia entre duas alternativas, transigir ou escalar. Depois disso é jogo jogado, a tabela mostra os resultados para cada um deles, medidos em pontos, nas quatro situações possíveis.

Se os dois transigem, a vida segue, 5 pontos para cada lado. Se um resolve escalar, e o outro desiste, o valentão vence (100 pontos) e o outro se torna a (o) galinha (0). Se ambos escalam, entretanto, temos um evento nuclear, terrivelmente negativo para os dois, *menos* 1000 pontos para os dois.

Como os jogos desse tipo se desenrolam na vida prática? O incentivo é para escalar, ou não? Como evitar o desastre?

O desfecho da corrida nuclear foi o de um “acordo tácito”, como no exemplo dos ursos, que preservou a espécie. Ambos fazem demonstrações teatrais de força mas, de verdade, precisam relevar certas coisas, fingir que não viram outras tantas e fazer conta. Muita conta.

Permanece indefinida a crise dos mísseis de Brasília, mas com bastante gente trabalhando para não haver conflito.